



## **ANAIS DA SEGUNDA JORNADA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA**

**Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental:  
perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas**

**ISSN 2175-0696**

### **ORGANIZAÇÃO**

**Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg  
Profa. Dra.Vera Engler Cury**

**Evento financiado pela CAPES  
(Auxílio PAEP N° 0509/08-6)  
e pela FAPESP (Processo N°08-56197-9)**



**PUC**  
**CAMPINAS**  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**2008**

**SEGUNDA JORNADA DE PESQUISA EM  
PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA  
Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental:  
perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas**

**ORGANIZAÇÃO**

Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg  
Profa. Dra. Vera Engler Cury

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Ms Cristiane Helena Dias Simões  
Ms Fabiana Follador e Ambrosio  
Ms Kátia Panfiete Zia  
Ms Miriam Tachibana

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Profa. Livre Docente Tania Maria José Aiello Vaisberg  
Profa. Pós-Doutora Maria Alves de Toledo Bruns  
Profa. Dra. Maria Christina Lousada Machado  
Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato  
Profa. Dra. Vera Engler Cury

2008

## A Criança em Sofrimento: o imaginário de pais sobre a criança com problemas

Sueli Regina Gallo-Belluzzo [86]

Elisa Corbett [87]

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg [88] Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas

**Resumo** Este trabalho objetiva investigar o imaginário coletivo de pais, cujos filhos foram encaminhados para psicodiagnóstico, sobre “crianças com problemas”, a fim de produzir conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento de práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas diferenciadas. Para tanto, foram realizadas entrevistas articuladas ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, utilizado como facilitador da comunicação emocional. O material resultante foi compreendido à luz do método psicanalítico, tal como é operado na detecção dos campos psicológicos vivenciais em que se organiza o inconsciente relativo. Foram encontrados dois campos não-conscientes, denominados “A culpa é dos pais” e “O que meu filho tem não é problema”. O primeiro campo configura um mundo imaginário-transicional que deriva da crença central segundo a qual a criança com problema seria vítima da falta de atenção dos pais. O segundo campo organiza-se ao redor da crença de que as crianças só apresentariam problemas caso fossemos vítimas de doenças orgânicas. Em conjunto, os campos captados indicam que o grupo pesquisado tende a negar a possibilidade de que crianças apresentem dificuldades de ordem psicológica, num movimento de certa desvalorização de sua subjetividade afetivo-emocional.

**Palavras-Chave:** Imaginário Coletivo – Criança-Problema – Procedimento Desenhos-Estórias com Tema – Campos Psicológicos

**Abstracts** The aim of this paper is to investigate the collective imaginary of parents, whose children had been directed for psychodiagnosis, about “children with problems”, in order to produce knowledge that contribute for the development of differentiated psychotherapeutics and psycho-prophylactic practice. The Procedure of Thematic Story-Drawing was used and tends to a view to facilitate the emotional communication. The productions were considered in the light of the psychoanalytic method, as it operated in the detection of the

---

76 Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Doutoranda em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas, Professora do Curso de Psicologia da FAJ - Faculdade de Jaguariúna.

77 Mestranda em Psicologia como Profissão e Ciência pela Puc-Campinas, bolsista CNPQ. 88 Orientadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Professora Livre Docente aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Coordenadora da “Ser e Fazer”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação do IPUSP e Presidente do NEW- Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

existential psychological fields where is organized the relative unconscious. We found two non-conscientious psychological fields: “The parents are guilty” and “My child don’t have problem”. The first psychological field takes shape an imaginary-transitional world that drifts of the belief according to which the child with problem would be victim of the lack of attention of the parents. The second psychological field gets itself organized around of the belief of that the children alone would present problems in case that they were victims of organic illnesses. In set, the caught fields indicate that the searched group tends to deny the possibility of that children presents difficulties of psychological order, in a movement of certain depreciation of its affective-emotional subjectivity.

**Keywords:** Collective Imaginary – Problem Child – Procedure of Thematic Story-Drawing – Psychological Fields

Este trabalho é resultado de um estudo sobre o imaginário de pais de crianças que são encaminhadas para diagnóstico em uma clínica-escola vinculada a uma faculdade de psicologia. No contexto deste serviço de atendimento, a clientela é encaminhada pela escola que frequenta, implicando em que geralmente parte desta instituição, e não dos pais, a percepção de que estas crianças apresentam dificuldades passíveis de serem avaliadas por um profissional habilitado. Compreendendo que os pais desempenham um papel fundamental na atenção psicológica à criança, interessamo-nos em investigar o que estes imaginam sobre uma criança com um problema.

O conceito de imaginário coletivo foi desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999), a partir do refinamento conceitual da teoria das representações sociais. Privilegia a experiência emocional a partir da qual emerge determinada conduta (Bleger, 1963/1984), sendo mais adequado ao objeto do presente estudo do que o termo “representação”, que remete a uma atividade cognitiva de cópia da realidade exterior. Enfatizamos, ainda, que a conduta imaginativa envolve, desde o nosso ponto de vista, uma atividade criadora do sujeito.

A proposta de investigação de coletivos se sustenta na afirmação de Bleger (1963/1984) de que a conduta individual é também social, não existindo, no seu entender, o indivíduo como uma mônada isolada. Entendemos que a conduta da criança, tratada como problema, ocorre num determinado ambiente, portanto, o imaginário dos pais sobre essa criança tem importância no seu desenvolvimento. O imaginário coletivo, nessa perspectiva, pode ser entendido como um *lôcus* transicional que fundamenta e permeia as idéias, os sentimentos e as ações de uma personalidade coletiva. Usamos, dessa forma, o conceito de transicionalidade de Winnicott (1967) que atribui ao lugar a que nos referimos o significado de espaço intermediário, entre o que é percebido objetivamente e concebido subjetivamente (Aiello-Vaisberg, 2004). Nesse espaço intermediário é que julgamos encontrar o real significado de pensamentos, sentimentos e ações humanos.

Para realizar a pesquisa do imaginário dos pais, fizemos uso de um recurso mediador dialógico, inspirado nas consultas terapêuticas de Winnicott (1971),

nas quais lançava mão de um brincar chamado Jogo do Rabisco, através do qual ele e seu paciente faziam rabiscos até completarem – ou não – um desenho.

Através do brincar, Winnicott acreditava favorecer a comunicação emocional profunda do paciente, além de facilitar que aquele momento lúdico se transformasse num encontro potencialmente mutativo, no sentido de possibilitar que o processo natural de amadurecimento pessoal, eventualmente bloqueado, voltasse a fluir. O uso desse recurso teve a finalidade não apenas favorecer a comunicação emocional dos participantes acerca do tema de pesquisa, mas, também, de facilitar a integração de determinados aspectos emocionais possivelmente dissociados.

Dentre os diversos “jogos do rabisco” possíveis, utilizamos nesta pesquisa o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir do Procedimento Desenhos-Estórias de Trinca (1972). Os participantes foram convidados a realizar um desenho acerca de uma criança que tem problema e, em seguida, a inventar uma história a partir da figura desenhada. A solicitação para realizar esse procedimento foi feita a cinco mães, cujos filhos foram encaminhados a uma clínica-escola. Esse procedimento é utilizado como recurso de abordagem para temas de difícil acesso, que não estão no campo consciente e/ou suscitam emoções indesejáveis.

Os desenhos-estórias foram considerados à luz da Teoria dos Campos de Herrmann (1979/1991), que, na leitura de Aiello-Vaisberg (1999), prevê uma aproximação psicanalítico-fenomenológica em relação ao acontecer clínico. Assim, fizemos uso das técnicas psicanalíticas de associação livre e de atenção equiflutuante, a fim de deixarmos que o material nos impressionasse da mesma forma que nos impressionamos com um paciente, na clínica, vale dizer, sem recorrer à literatura especializada, sem juízo de valor e sem nos atermos ao conteúdo manifesto. A partir daí, foi possível captarmos os campos psicológicos não conscientes (Bleger, 1963/1984), isto é, os determinantes lógico-emocionais relativos a uma criança que tem problema.

Um indivíduo que está vivendo sua conduta está impedido de conhecer o campo que a sustenta (Herrmann, 1979/1991), desta forma o uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema facilita a expressão de determinações inconscientes e da dramática do viver humano. Este campo que permeia a conduta estabelece-se como uma matriz produtora de sentido (Aiello-Vaisberg, 1999)

### Os Campos Psicológicos Vivenciais

Foram detectados dois campos psicológicos não conscientes nas produções das participantes, que denominamos “A culpa é dos pais” e “O que meu filho não tem é problema”.

O primeiro campo, “A culpa é dos pais”, configura um mundo transicional em que a criança é olhada como vítima da falta de tempo e atenção por parte dos seus cuidadores, aparecendo nos desenhos-estórias como da Figura 1. Neste contexto, comportamentos agressivos infantis são entendidos apenas como

reação à rejeição paterna. A regra lógico-emocional que rege este mundo é a de, se o comportamento da criança é resultado de sua tristeza, raiva e frustração diante da ausência dos pais, a forma correta de resolver este problema é provendo-lhe atenção – de preferência, muita atenção. Movemo-nos, portanto, num terreno no qual a culpa surgiria frequentemente como sentimento comum a pais que, envolvidos com seu trabalho e outras atividades, vêm-se mais distantes dos filhos do que acreditam que deveriam.

Assim, nos momentos em que podem estar mais próximos, evitam repreendê-los, e procuram atender aos seus desejos. Deste modo, pensamos que este campo aponta para certa dificuldade dos pais em assumir a função de educadores capazes de atuar de forma continente em relação à criança sem, no entanto, deixar de estabelecer limites. Compreendemos, então, a regra lógico-emocional que rege o campo “A culpa é dos pais” pode inclusive ser vista como uma espécie de deturpação do conceito de *holding*, central na teoria construída por este autor. Tal conceito se traduz como a possibilidade de, a partir de um estado de abertura em relação ao outro, perceber o que seria necessário a ele, e agir de forma condizente. Inicialmente, podemos refletir que faz parte do processo de amadurecimento deparar-se com as limitações que o mundo apresenta. É papel dos pais, portanto, apresentar à criança tais limitações de forma que não violem sua continuidade em *ser*, e não furtar-se a colocá-las em pauta.

Figura 1

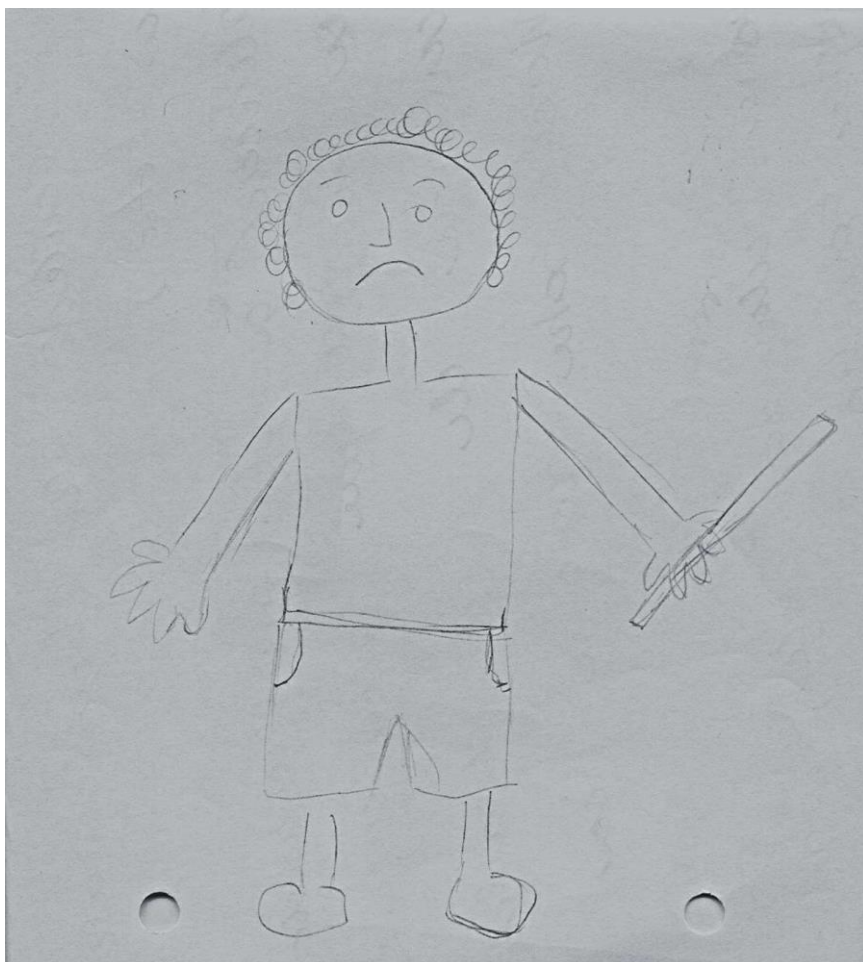
*“Essa criança é carinhoso, meigo ao perceber que alguém o rejeita, ele quer*

*atenção, começa a trazer flores, desenhar. Quando não retribuído ele começa a xingar e joga o pau na pessoa.*

*Quando ele é contido ele chora muito, soluça (parece bebê)*

*É dado atenção a ele questionando o que ele quer ser, o que quer fazer e depois de acalmar ele pede desculpas e diz que não sabe porque fica assim.*

*Se há alguma reclamação dele, e que ele está sempre sozinho.*





*Ele em uma qualidade, vai muito bem na escola, é inteligente, e quer sempre ser o primeiro.”*

Já os habitantes do segundo campo, denominado “O que meu filho não tem é problema”, consideram que “problema” é ter uma deficiência física que afete em grande medida suas possibilidades de interação social e independência futura de seus cuidadores, aparecendo em produções como a ilustrada na Figura 2. Este revela-se um mundo dualista, em que existem apenas as pessoas que têm um “problemão” e as que não têm problema nenhum. Assim, são negadas as questões de ordem psicológica, bem como todas aquelas consideradas menos limitantes.

Figura 2

*“Esta é V., filha de uma prima de meu marido, ela tem 3 anos, tem uma síndrome que eu não sei o nome, ela é uma criança que não anda, não fala, ela chora como um miado de um gato. A mãe apesar de não ter aceito a doença da filha, a trata com muito amor, atenção e carinho, para uma mãe não é fácil aceitar que o seu filho tem algum problema, os pais já são mais compreensivos e para eles é mais fácil aceitar.*

*A Vitória tem um irmão de 5 anos (o V.)*

*Eu falei sobre ela por ser da família e q ter nada.”*



A consideração conjunta dos dois campos permite perceber que, embora estas crianças tenham sido encaminhadas para uma clínica psicológica pela escola que frequentam, indicando que esta instituição acredita que necessitem de atenção especializada, seus parecer ter uma visão diferente. Do ponto de vista racional, podem perceber que os filhos não se comportam da forma como deveriam, e se vêem em dificuldades para lidar com a situação, possivelmente um dos motivos pelos quais procuram o serviço de atendimento e garantem as condições para que os filhos participem das sessões. No entanto, do ponto de vista da experiência emocional, parece que ainda é para eles muito complicado aproximar-se desta questão. Sentem-se culpados pelos problemas, ou negam sua importância, necessitando também de suporte, por parte da equipe de atendimento, para que possam elaborar seu próprio sofrimento em relação à situação e, conseqüentemente, oferecer aos filhos reais condições de superação de suas próprias dificuldades.



### Referências bibliográficas

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2004). *Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004
- BLEGER, J. (1984). *Psicologia da conduta*. Trad. Emilia O. Diehl. Porto Alegre, Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- HERRMANN, F. (1991). *O Método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1979)
- TRINCA, W. (1972). *O Desenho Livre como Estímulo de Apercepção Temática*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- WINNICOTT, D. W. (1984). *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*, trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- WINNICOTT, D. W. (1967) A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.